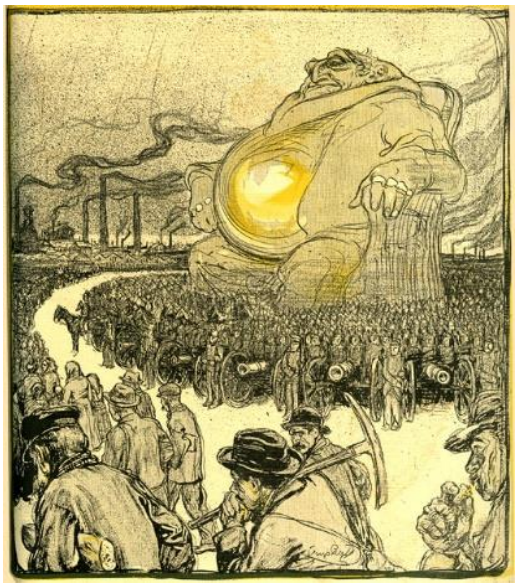

# Apresentação

**Geografias libertárias e práticas antiautoritárias**

*Por José Vandério Cirqueira*
do Instituto Federal de Brasília - IFB Riacho Fundo – Brasília – Brasil
jose.vanderio@ifb.edu.br

Nesta edição (vol. 9, nº1, jan./jun. de 2020) haverá uma seção especial dedicada às Geografias Libertárias e Práticas Antiautoritárias.

Para homenagear o número, foi escolhido para a capa a obra *Liberté*, de 1902, de Frantisek Kupka (1871 – 1957), pintor anarquista de origem tcheca. Kupka foi colaborador da revista satírica e humorística *L'Assiette au Beurre*, lançada em 1901. A revista semanal ilustrava em suas páginas denúncia frontal ao clericalismo, às religiões, ao colonialismo e imperialismo, ao poder político, à desigualdade social e ao sistema capitalista, sempre enfocando o papel opressor da burguesia.

O número especial *L'Argent* (nº 41), de 11 de janeiro de 1902, foi constituído por ilustrações de Kupka marcadas pelo caráter anticapitalista e com profunda crítica social, onde está presente a obra *Liberté*. A obra ilustra a relação de poder entre patrão e operário e a relação de exploração exercida do capital pelo trabalho. O capitalista, está sentado confortavelmente e protegido pelo Estado, fortemente armado, militarizado, enquanto trabalhadoras e trabalhadores seguem de cabeça baixa a ordem imposta: alimentar o sistema.

A escolha de Kupka se deve também, além da temática corrosiva que denuncia a opressão, ao fato de ele ter sido um dos principais artistas ativistas do movimento libertário, contemporâneo de Élisée Reclus (1830 – 1905) e Piotr Kropotkin (1842 – 1921), inclusive, colaborando com as gravuras contidas em toda a obra *L'homme et la terre*, de Reclus, publicada em 1905, e demais outras gravuras usadas pelos outros anarquistas ao longo de obras, revistas, jornais e manifestos.

O número tem como premissa fundamental acolher trabalhos vinculados ao campo libertário do pensamento geográfico e da prática espacial, em que dialogam com

a abordagem anarquista, autonomista e antiautoritária, bem como, faça uma leitura crítica das problemáticas socioespaciais e do poder hegemônico regido pelo Estado e pelo capital, atinentes as várias formas de dominação e de exploração que estes instrumentos de controle do território exercem sobre a sociedade, os corpos, os gêneros, a diversidade étnica e as identidades culturais, na forma da opressão sistemática.

Por sua vez, busca-se jogar luz às práticas antiautoritárias e organizações políticas de resistência dos subalternos insubmissos mediante o estudo das suas espacialidades e abordagens teóricas do geográfico, passando pelo ensino de geografia libertária e o reconhecimento de experiências emancipatórias autogestionárias que lutam por espaço em meio a esse quadro de conformismo e de dominação generalizada, enfatizando os caminhos de superação, desde baixo e horizontalmente, desse modelo de mundo e de sociedade impostos pela colonialidade do poder e o império da exploração.

As geografias libertárias e as práticas antiautoritárias que gravitam este campo do saber espacial das liberdades, têm uma longa história tanto oficial quanto não oficial, porém, com reconhecimento muito limitado e pouco acolhido pela crítica historiográfica. Nas últimas duas décadas houve um rápido e consistente reconhecimento dessas geografias, e as diversas pesquisas recentes apontam para uma multiplicidade de feições geográficas que congregam ao campo libertário, passando do marxismo marginal ou heterodoxo, aos estudos da autonomia, da teoria *queer*, descolonial, anti-imperial, do ambientalismo radical, ou mesmo do anarquismo clássico e do novo anarquismo, com os movimentos de levantes, okupas, territórios autônomos, entre outros.

Também, as geografias libertárias se mostraram com um largo passado, consequentemente negligenciado e ainda virtual nos bancos universitários e no ensino básico. Pode-se falar de uma geografia libertária clássica, com os seus fundamentos sendo constituídos ainda na obra de Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865). Mas é através dos nomes de Reclus e Kropotkin, principalmente, que aparecem solidamente o modelo de uma geografia libertária. Esses dois geógrafos anarquistas vão deixar importante legado para a história da geografia que, muito embora, foi pouco aproveitado pela virada radical marxista, num primeiro momento, mas que de forma subterrânea, essa tradição insurgente, contestatória e marginal vai permanecer até os dias de hoje, onde ganha força.

Quem prossegue esse legado deixado por Reclus e Kropotkin, é Emma Goldman (1869 – 1940), escopo de ideias que se materializa enquanto uma geografia libertária da prática espacial diante da Revolução Mexicana, Revolução Social na Ucrânia e Revolução Espanhola, em que, na ocasião desta última, em meio às regiões autônomas e terras

coletivizadas pelo sindicalismo revolucionário anarquista, Diego Abad de Santillán (1897 – 1983) irá construir abordagem teórica da prática revolucionária libertária vivenciada nos anos de luta. Nos Estados Unidos, diversos anarquistas produzem estudos de geografia libertária no campo do urbanismo e da ecologia social, mesmo não sendo geógrafos de formação, mas que darão continuidade ao legado nascido no século XIX, referindo-se a ele, mas também, renovando, é o caso de Murray Bookchin (1921 – 2006). Na França, com o maio de 68, a geografia marxista vai buscar recuperar a obra dos e das anarquistas, renascendo assim o interesse por Reclus, Kropotkin e outros e outras, esforço realizado por Yves Lacoste, e aqui no Brasil, Manuel Corrêa de Andrade.

Mas é no início dos anos 2000 que os estudos das geografias das liberdades começam a ser desenvolvidos pela nova juventude anarquista ou vinculada ao campo libertário, das ruas para a academia, da prática espacial para a abordagem teórica. Esse movimento de efusão das geografias libertárias está ainda em curso e ele trouxe duas novidades: uma geografia pensada pelos atores do movimento libertário; a ruptura paradigmática e a desobediência epistêmica civilizatória colonial da matriz euro-norte-americana centrada. Cada vez mais a reinvindicação das geografias insurgentes do Sul, das periferias, dos campesinos, dos marginalizados e dos excluídos ecoa sua voz. Uma geografia que tem como direção constituir os territórios autônomos.

---

**Sobre o autor**

**José Vandério Cirqueira** - Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestre em geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor de geografia do quadro permanente do Instituto Federal de Brasília. Ativista anarquista, desenvolve pesquisas na área de história do pensamento geográfico, epistemologia da geografia, geografia anarquista e demais geografias subterrâneas.

---